

RELAÇÕES FRANÇA-TURQUIA E OS MOVIMENTOS DE INDEPENDÊNCIA DA NOVA CALEDÔNIA

Por A. Volkan Tevik*



Protestos em Nouméa, Nova Caledônia, em abril de 2024 (CCAT).

A França, que ainda hoje detém o maior número de colônias, acusa a Turquia e o Azerbaijão de insuflarem os protestos na Nova Caledônia; neste artigo, o autor aborda o colonialismo, o histórico francês e analisa as relações entre a França e a Turquia.

A colonização, ou em outras palavras, o colonialismo, é o processo pelo qual um Estado se apodera e domina território fora de suas fronteiras, geralmente por razões econômicas, sociais e políticas e, neste processo, o Estado que domina os territórios colonizados impõe sua própria cultura, política estrutura ou religião na região ao longo do tempo.

Assim, a descolonização é o processo pelo qual um Estado põe fim ao seu controle sobre as pessoas e instituições de outro país, e é um processo político e cultural centrado principalmente nos movimentos e ideias populares nas colônias que exigem o fim do colonialismo e da independência. A descolonização está associada à desintegração dos impérios coloniais, especialmente aqueles estabelecidos após a Primeira Guerra Mundial, e o direito das nações à autodeterminação é definido pelas Nações Unidas como a essência da descolonização.

As Nações Unidas emitiram várias declarações sobre o processo de descolonização. Uma delas é a “Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento”, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 4 de dezembro de 1986. Esta declaração enfatiza que os povos têm o direito de determinar livremente seu próprio estatuto político e de alcançar desenvolvimentos econômicos, sociais e

culturais e aborda questões como a descolonização, a não discriminação, o respeito e a provisão dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.

Os primeiros passos das Nações Unidas na descolonização foram dados nos primeiros anos da criação da organização em 1945. As Nações Unidas definiram o direito das nações à autodeterminação como a essência da descolonização e decidiram que a nação colonizadora não tinha o direito de cancelar o processo, mas poderia ter uma palavra a dizer na direção do processo. Portanto, foi utilizado para dismantelar os impérios coloniais estabelecidos após a Primeira Guerra Mundial. Estes processos constituíram um importante ponto de virada nas relações internacionais e abriram caminho para que muitos países conquistassem a independência. A descolonização é um processo que continua até hoje e é uma parte importante da política internacional.

O colonialismo pode ser definido como o processo pelo qual Estados historicamente poderosos assumem o controle de outras comunidades econômica, social e culturalmente. Este processo é frequentemente caracterizado pela apropriação de recursos, trabalho e mercados pelas potências coloniais e pela opressão dos valores socioculturais e religiosos das pessoas sob suas colônias. Embora os termos colonialismo e imperialismo sejam por vezes utilizados indistintamente, o imperialismo refere-se a uma esfera mais ampla de controle e influência e abrange o domínio tanto em esferas tangíveis como intangíveis.

O colonialismo deixou marcas profundas na história mundial e afetou a estrutura de muitas sociedades. No mundo moderno, o legado do colonialismo ainda é sentido na língua, na cultura, nas estruturas políticas e nas relações econômicas. Compreender o impacto do colonialismo e do imperialismo no mundo moderno é importante para compreender os acontecimentos do passado e a dinâmica global de hoje.

As Nações Unidas monitoram territórios colonizados ou não autônomos em todo o mundo. A situação destes territórios é uma questão importante na política internacional e por vezes controversa. As Nações Unidas apoiam o direito dos povos destas regiões de determinarem seu próprio futuro e trabalham para esse fim. Contudo, as decisões finais sobre o futuro destas regiões são muitas vezes moldadas por processos políticos e diplomáticos complexos.

É muito triste, mas mesmo no século 21 ainda existem colônias e colonizadores. Esta situação nos mostra, na verdade, que a Organização das Nações Unidas apenas impõe sanções a certos países para a descolonização e permanece no nível da arbitrariedade para os membros permanentes da ONU e alguns estados privilegiados que prosseguem políticas próximas a eles.

Não é novo e nem surpreendente que a ONU favoreça estados poderosos quando deveria defender os direitos de todos os membros. Houve muitos exemplos disso ao longo da história da organização. O presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, declarou ao mundo em uma reunião da ONU que “O mundo é maior do que cinco...”. Ainda hoje, Israel é seriamente favorecido. Através de uma breve pesquisa na internet, tentei listar os territórios colonizados e os estados que os controlam:

País colonizador	Nº de colônias	Distrito colonial
França	10	Nova Caledônia, Polinésia Francesa, Guadalupe, Martinica, Ilha da Reunião, Mayotte, Ilha de São Martinho, São Bartolomeu, Guiana Francesa, São Pedro e Miquelão
Reino Unido	7	Ilhas Virgens, Santa Helena, Ilha Ascensão, Tristão da Cunha, Bermuda, Ilhas Falklands (Malvinas), Anguilla
Estados Unidos	2	Porto Rico, Ilhas Marianas do Norte
Holanda	2	Curaçao, Aruba
Dinamarca	1	Groenlândia
Marrocos	1	Saara Ocidental

A SITUAÇÃO DA FRANÇA

Como pode ser visto na tabela acima, a França tem o maior número de colônias entre os estados coloniais. Além destes, há também estados na África que a França tornou economicamente dependentes de si mesma, embora pareçam ser politicamente independentes. As receitas nacionais destes estados fluem primeiro para o Banco Central Francês e, depois de a França receber sua parte, os recursos são devolvidos ao estado proprietário original através da mesma França como investimento obrigatório (ou aos governos que apoiam a colonização francesa!), e é claro que as empresas francesas têm a maior parte deste retorno. Este ciclo mostra que estes estados não têm independência, são totalmente dependentes da França, ou seja, são colônias secretas.

Para além das colônias politicamente totalmente dependentes ou das semicolônias economicamente dependentes, existem também alguns países que a França costumava explorar, mas que ainda são culturalmente colonizados, apesar da sua libertação política e econômica. Esses estados podem ser listados a seguir: Argélia, Benin, Burkina Fasso, Burundi, Camarões, República Centro-Africana, Comores, República do Congo, Djibuti, Costa do Marfim, Argélia, Gabão, Guiné, Guiné-Bissau, Madagascar, Mali, Níger, Ruanda, Senegal, Seicheles, Togo e Tunísia.

É claro que, à medida em que estes países acordaram e perceberam sua dependência francesa, começaram a rejeitar isto e levantaram a bandeira da rebelião contra a França, a fim de alcançar independência total. Os países do Norte da África, como Marrocos, Argélia, Tunísia, etc., perceberam isso há muito tempo, este despertar tomou forma no resto dos estados e muitos deles agora reconsideraram suas relações com a França. Muitos, por assim dizer, expulsaram a França de seus territórios. Recentemente, a revolta contra a França na África aumentou significativamente e começou a dar frutos.

É claro que a França não está satisfeita com esta situação, porque, segundo um estudo, a França ganha 500 bilhões de dólares por ano, direta ou indiretamente, das suas colônias. A França tem vivido graves fricções políticas com alguns países, que considera responsáveis pelo declínio das receitas coloniais. A Turquia está entre eles. Em particular, a geopolítica africana tendeu recentemente a mudar para o eixo Turquia-Rússia-China, com a França no centro.

Por outro lado, as relações Turquia-França têm relatos históricos e problemas graves. Nesta fase, resumir brevemente o contexto histórico das relações turco-francesas será útil para a compreensão da questão.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DAS RELAÇÕES TURCO-FRANCESAS

Os primeiros encontros turco-franceses ocorreram tanto como resultado da migração dos turcos da Ásia Central para a Anatólia com a migração de tribos, como como resultado da orientação da França para o leste com as primeiras cruzadas. Por volta do século X, existiam interações mais limitadas e indiretas entre os turcos seljúcidas, o Estado otomano e a Casa de Capeto, em vez de contatos diplomáticos diretos e intensivos.

Depois que os otomanos conquistaram o Império Bizantino e tomaram Constantinopla em 1453, sentiram a necessidade de estabelecer mais relações políticas e comerciais com a Europa Ocidental. Até ao século XVI, estas interações assumiram várias formas e, eventualmente, o nível melhorou significativamente com a aliança franco-otomana.

Francisco I da Casa de Valois, enquanto lutava contra o Sacro Imperador Romano Carlos V (Carlos Magno), estabeleceu contato diplomático com o imperador otomano Suleiman, o Magnífico e pediu a ajuda do Império Otomano, a superpotência da época. A aliança e a amizade entre o Império Otomano e a França começaram com este evento. O tratado de comércio e amizade assinado entre o Império Otomano e a França em 1536 concedeu amplos privilégios aos mercadores franceses em terras otomanas. Este tratado formou a base das relações comerciais e diplomáticas entre os dois países. Nos séculos XVII e XVIII, as relações franco-otomanas continuaram em grande parte através do comércio e da diplomacia. A França tornou-se um dos elos mais importantes do Império Otomano com o Ocidente.

Esta situação declinou repentinamente com a França de Napoleão Bonaparte no início do século XIX. Os ataques de Napoleão Bonaparte às terras otomanas durante a campanha egípcia (1798-1801) prejudicaram as relações entre os dois países. Na guerra que se seguiu, os otomanos conseguiram expulsar Napoleão do Egito, mas isso causou um grande ferimento nas relações. Imediatamente depois, a invasão francesa da Argélia em 1830 levou as relações entre os dois países a um novo nível de tensão. Entre 1853 e 1856, o Império Otomano aliou-se à França e à Grã-Bretanha contra a Rússia na Guerra da Crimeia. Esta guerra levou a um renovado fortalecimento das relações entre o Império Otomano e a França.

Durante a Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano e a França estiveram em frentes opostas, o que levou à divisão dos territórios otomanos entre a Grã-Bretanha e a França depois que o Império Otomano perdeu a guerra e, em última análise, ao desenho de novas fronteiras no Oriente Médio após o colapso do Império Otomano. Durante a Primeira Guerra Mundial e a Guerra da Independência Turca que se seguiu imediatamente, a Turquia e a França entraram em confronto e lutaram em muitas frentes. A vitória na Guerra da Independência e o reconhecimento internacional da recém-criada República Turca e a regulação

das dívidas otomanas levaram à cooperação com a França. Com o estabelecimento da República da Turquia, as relações com a França foram remodeladas. Os laços diplomáticos e comerciais entre os dois países foram fortalecidos. A Turquia adotou o sistema jurídico e o modelo educacional francês no processo de ocidentalização.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Turquia tentou permanecer neutra durante a guerra. A Turquia tornou-se membro da OTAN em 1952 e aumentou sua cooperação militar e estratégica com a França. Ambas trabalharam juntas como aliadas da OTAN. Embora tenha havido tensões ocasionais nas relações entre os dois países durante este período, em geral a cooperação continuou.

No século XXI, quando a Turquia curou as feridas do passado, começou a recuperar poder e a falar contra o imperialismo, as relações turco-francesas entraram em uma nova tendência e a França desenvolveu novas políticas contra isso como resultado da mudança de poder do eixo francês para o eixo turco, conforme mencionado acima. Com isso, as relações entre os dois países tornaram-se tensas e evoluíram para uma estrutura política diferente.

Vamos rever estes fatores que contribuíram para as tensões nas relações França-Turquia:

01. Fatores Geopolíticos

a. Uso de Recursos Naturais:

i. A ascensão irreprimível da Turquia nos países da Ásia Central e do Cáucaso atraiu a atenção da França. A Turquia está formando a Organização de Cooperação Política, Econômica e Militar da Região de Turan com os países da região, que também descendem de turcos. Sabe-se que esta região é rica em petróleo, gás natural e valiosos recursos minerais. O fato de a Turquia estar tentando reforçar suas medidas para evitar esta tendência causa descontentamento na Turquia.

ii. Recursos Energéticos no Mediterrâneo Oriental: A descoberta de depósitos de gás natural e petróleo no Mediterrâneo Oriental causou um conflito de interesses entre a França e a Turquia. A França, em cooperação com a Grécia e a República de Chipre, reivindica o direito de explorar e extrair recursos energéticos no Mediterrâneo Oriental, enquanto a Turquia considera estas atividades como uma violação dos seus direitos na plataforma continental.

iii. Recursos Hídricos e Potencial Hidrelétrico: A França tem tentado provocar países como o Iraque e a Síria sobre a gestão dos recursos hídricos na região, especialmente devido às suas preocupações com as barragens e usinas hidrelétricas da Turquia construídas em grandes rios como o Eufrates e o Tigre para eliminar sua dependência de energia estrangeira.

iv. Recursos naturais na África: O passado colonial da França e a influência presente na África Subsaariana alimentaram uma rivalidade entre a Turquia e a França sobre os recursos naturais na África. Em particular, os recursos petrolíferos, de gás natural, minerais, agrícolas e especialmente de urânio na África Subsaariana afetam os interesses franceses e turcos na região.

v. Recursos de petróleo e gás no Oriente Médio: Os ricos recursos de petróleo e gás no Oriente Médio já causaram conflitos de interesses entre a França e a Turquia por mais de um século. Em particular, o controle dos recursos energéticos em países como a Síria e o Iraque tornou-se o ponto focal das lutas políticas e militares na região.

b. Rivalidade geopolítica

França e Turquia procuram ser influentes em regiões estratégicas como o Oriente Médio, o Norte de África e a África Subsaariana. Em particular, a influência decrescente da França na África Subsaariana e a influência crescente da Turquia na região aumentaram a rivalidade entre os dois países. A presença militar da França na África Subsaariana e os projetos de ajuda econômica e humanitária da Turquia aprofundam dia após dia o conflito de interesses na região.

c. Equilíbrio de poder regional

A França e a Turquia procuram influenciar o equilíbrio de poder em regiões estratégicas como o Oriente Médio e o Mediterrâneo. A crescente influência da Turquia e a limitação da influência tradicional da França na região aumentaram a rivalidade e alimentaram as tensões entre os dois países. A Turquia há muito lida com o terrorismo do PKK e sofreu graves perdas econômicas nesta guerra, e considera a França um dos principais países que apoiam o PKK.

02. Patrimônio histórico e cultural

Os fatores históricos e culturais também desempenham um papel nas relações entre França e Turquia. Em particular, os vestígios das relações durante o Império Otomano ainda podem causar divergências contínuas sobre algumas questões. Propaganda antiotomana e antiturca da França: Durante o período otomano, os franceses conduziram campanhas de propaganda contra o Império Otomano e tentaram retratar os turcos como atrasados em relação à civilização das potências ocidentais. Tal propaganda ainda provoca percepções negativas na Turquia.

03. Disputas Bilaterais

a. Debates sobre o genocídio armênio: Embora a Turquia rejeite as alegações que caracterizam os eventos de 1915 como “genocídio”, alguns países, como a França, reconhecem oficialmente o genocídio. Esta situação cria tensões entre os dois países de vez em quando. A França aprovou leis que criminalizam aqueles que negam o genocídio armênio, causando crises diplomáticas com a Turquia.

b. Questão de Chipre: A França apoia a República de Chipre e critica a presença turca na parte norte da ilha. A Turquia, por outro lado, reconhece a República Turca de Chipre e esforça-se por proteger a integridade da ilha de Chipre. Este tem sido um ponto constante de discórdia entre os dois países.

c. Adesão da Turquia à UE: A França tem sido um dos oponentes mais veementes da adesão da Turquia à UE. As críticas da França à adesão turca à UE causaram ocasionalmente tensões entre os dois países e foram criticadas por Ancara como hipocrisia e padrões duplos. Na verdade, apesar de terem se candidatado anos

depois da Turquia, países que estão política e economicamente muito atrás da Turquia foram aprovados para adesão.

d. Disputas no Mar Egeu: A Turquia e a Grécia têm disputas de longa data sobre direitos soberanos, plataforma continental e soberania no Mar Egeu. Os desacordos sobre a plataforma continental e a partilha de recursos naturais criam frequentemente tensões entre os dois países. Em particular, a recente escalada militar no Egeu afetou negativamente as relações entre Turquia, a França e outros países europeus, e foi exacerbada pela ajuda armamentista da França à Grécia.

e. O problema do Mediterrâneo Oriental: A disputa entre a Turquia e a Grécia sobre a jurisdição marítima tornou-se ainda mais complicada nos últimos anos pela descoberta de recursos energéticos e recursos naturais submarinos no Mediterrâneo Oriental. As atividades de perfuração da Turquia no Mediterrâneo Oriental foram condenadas pela Grécia e pelo Chipre grego, causando tensão na comunidade internacional. O conceito de “Pátria Azul” da Turquia, decorrente do direito marítimo internacional, foi ilegalmente criticado pela França.

f. O problema das Ilhas: Outra disputa entre a Turquia e a Grécia é a soberania das ilhas do Mar Egeu. Enquanto a Grécia afirma que as ilhas são eficazes na determinação da plataforma continental, a Turquia não aceita esta situação e, ao mesmo tempo em que questiona o efeito das ilhas na plataforma continental, traz à tona o direito das convenções marítimas e prova a sua justificativa com estudos de casos. A França, por outro lado, apoia a Grécia, que não aceita estes argumentos baseados na lei. Esta questão é um fator importante que aumenta a tensão entre os dois países.

g. Declínio da influência francesa na África: Historicamente a França tem tido uma presença colonial efetiva na África. No entanto, nos últimos anos, os países africanos concluíram seus processos de independência e lutaram contra a influência francesa. Com o declínio da influência da França na África, a crescente influência da Turquia no continente aumentou a rivalidade entre os dois países. Em particular, os conflitos de interesses na Líbia e na África Subsaariana afetam as relações França-Turquia.

h. Situação na Síria: Embora a Turquia apoie grupos de oposição e as Forças Democráticas Sírias (SDF) na Síria, a França apoiou grupos de oposição contra o regime de Assad. As operações da Turquia contra grupos curdos na Síria também foram criticadas pela França. No entanto, estes grupos curdos infiltraram-se da Síria para a Turquia e cometeram atos terroristas. Esta situação confere à Turquia o direito de intervir com base no princípio da reciprocidade, em conformidade com o direito internacional.

i. Crise da Líbia: França e Turquia apoiaram lados diferentes e entraram em confronto na Líbia. Enquanto a Turquia apoiava o governo legítimo oficialmente reconhecido pela ONU e eleito pelo povo, a França apoiava o Exército Nacional Líbio liderado pelo general Khalifa Haftar e criticava a presença militar turca na Líbia.

j. Guerra de independência da Argélia e atitude da Turquia: A Guerra de Independência da Argélia destaca-se como uma importante luta contra as políticas coloniais da França. A Turquia apoiou a luta da Argélia pela independência e

criticou as políticas colonialistas da França no país africano. Esta situação não foi bem recebida pela França.

k. Territórios ocupados do Azerbaijão em Nagorno-Karabakh: A Turquia apoiou incondicionalmente o estado irmão do Azerbaijão na sua guerra pela libertação de seus territórios ocupados desde 1994 com a retórica de “uma linhagem, duas pátrias”, e anunciou seu forte apoio político para todo o mundo, além de tecnologias militares e apoio logístico. A França criticou constantemente esta situação e participou na frente oposta apoiando a Armênia.

Como se vê, as relações turco-francesas são muito complexas e o antagonismo, por assim dizer, é inevitável. Sob o título que apresentaremos a seguir, a Turquia tornou-se agora um agente estrangeiro na perspectiva francesa.

MOVIMENTOS DE INDEPENDÊNCIA DA NOVA CALEDÔNIA

Uma reportagem interessante foi transmitida em uma estação de rádio francesa sobre a rebelião contra a França na Nova Caledônia (veja mais em: [*France openly suspects Türkiye, Azerbaijan of conspiring to stir unrest in French overseas territory*](#)). De acordo com esta reportagem, a rebelião na Caledônia foi alimentada pelas unidades de inteligência da Turquia e do Azerbaijão. Essa foi a interpretação da imprensa francesa.

Começamos com um resumo dos recentes acontecimentos na Nova Caledônia, uma ilha no Pacífico Sul onde a França mantém presença colonial. Recentemente, eclodiu ali uma rebelião e a França enviou tropas para reprimi-la. As tropas francesas estão estacionadas nos portos e no aeroporto, e foi declarado estado de emergência na região. Os confrontos já duram dias e há vítimas; sabe-se que existem centenas de feridos.

A ilha é território francês desde 1800. No período pós-colonial, a França fez grandes esforços para permanecer ali, mas um número considerável de pessoas da região já não quer o vínculo francês. Em 1998, foi assinado um acordo entre a França e a nova colônia e Paris teve que conceder mais autonomia política à região. Pelo acordo, as listas eleitorais deveriam ser limitadas aos residentes da época; portanto, as listas não foram atualizadas desde 1998. Os locais não queriam que os franceses, que constantemente chegavam e se instalavam na região, tivessem voz na administração, e por isso concordaram com este acordo.

Como as listas de eleitores não são atualizadas, os novos assentados não podem votar, mas nos 26 anos seguintes, mais de 40 mil franceses se estabeleceram na ilha. É um número muito grande, já que a população da ilha é de cerca de 300 mil. Portanto, se os colonos franceses votarem, apoiarão as políticas pró-França e, se isso acontecer, os grupos que tentam a independência perdem força.

Houve três referendos de independência na região desde o acordo de 1998. As duas primeiras foram vencidas pelo lado pró-francês por margens muito pequenas. Tudo poderia ter mudado no último referendo, realizado em dezembro de 2021. Os partidos pró-independência pediram um adiamento devido à pandemia, já que não podiam atuar, mas o pedido não foi aceito e eles boicotaram

o referendo. Como resultado, o referendo mais uma vez não resultou em uma decisão favorável à independência.

Agora eles temem que uma recente decisão da França acabe completamente com a possibilidade, porque, de acordo com ela, os franceses que vivem na região há 10 anos terão direito de voto. Claro que, se dezenas de milhares de franceses que se estabeleceram na ilha puderem votar, deixará de existir qualquer possibilidade de se obter a independência através de um referendo, perpetuando assim o colonialismo francês na região.

Então, como esta questão está ligada aos serviços de inteligência da Turquia e do Azerbaijão? Para entender isso, voltemos à notícia e ao encontro mencionado no início do artigo. O que aconteceu nesta reunião?

O Azerbaijão convidou separatistas dos territórios ultramarinos franceses da Martinica, Guiana Francesa, Nova Caledônia e Polinésia Francesa para uma conferência em julho de 2023 em Baku. Na reunião, foi criado o “Grupo Iniciativa de Baku”, cujo objetivo é definido como apoiar a “libertação francesa e os movimentos anticoloniais”. Nesta semana, o grupo emitiu um comunicado condenando a proposta do Parlamento francês de alteração na constituição da Nova Caledônia, que permitiria aos estrangeiros que se estabeleceram no território há pelo menos 10 anos votarem nas eleições. O encontro se chamou “Descolonização, despertar do renascimento”.

Quando se fala em descolonização, o conteúdo do encontro fica claro. Figuras importantes fizeram discursos notáveis nesta conferência. A importância de acabar com a descolonização foi enfatizada em todas as oportunidades e, no final do evento, os participantes escreveram uma carta ao presidente da França, referindo-se às resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a descolonização. Mais de 60 anos se passaram desde estas resoluções e a colonização continua. Foi mencionado que as pessoas destas regiões não queriam mais o controle da França. No retorno da reunião, eclodiram tumultos na Nova Caledônia.

As razões que justificam isto para a Turquia e o Azerbaijão foram mencionadas acima. Mas recentemente, há uma razão mais importante: as atividades da França de apoio ao terrorismo na região de Zangezur. Nos últimos meses, especialmente desde a operação antiterrorista levada a cabo pelo Azerbaijão, a França passou a acumular terroristas e a apoiar suas atividades na região. A maior necessidade dos grupos terroristas que operam em Zangezur é, obviamente, dinheiro. Este financiamento lhes é fornecido pelo *lobby* armênio na França.

A França não apenas não consegue conter estas atividades, como também lhes proporciona apoio substancial. Os salários de todos os terroristas que atualmente recebem treinamento em campos na região de Zangezur vêm da Europa, especialmente da França. Já é impossível para a Armênia pagar estes salários devido às dificuldades econômicas que atravessa. Não é difícil compreender que a França é a fonte deste dinheiro.

Além disso, há também o apoio que a França fornece à Armênia na diplomacia, que é muito mais importante do que o apoio financeiro dado às organizações

terroristas. Em outras palavras, Turquia e Azerbaijão aparentemente decidiram dar uma lição à França, e parece que esta lição foi dada através da Nova Caledônia.

**A. Volkan Tevik nasceu na Alemanha, filho de imigrantes turcos. Ainda na infância a sua família mudou-se para a Turquia, onde ele se graduou em Engenharia Mecânica na Universidade Técnica de Yildiz e se especializou em Administração de Empresas, Comércio Exterior e Gestão de Marketing. Tevik é fluente em turco, inglês e alemão, o que o levou sua carreira a girar em torno de projetos ligados à indústria automotiva alemã. A formação em engenharia, aliada à experiência em administração de empresas e comércio internacional, o impulsionaram para funções gerenciais, fortalecendo sua base em gestão estratégica e estratégias de negócios. Na aposentadoria, atua como consultor de empresas e escreve artigos em seu blog. Suas experiências formaram suas perspectivas sobre a geopolítica do Oriente Médio e as civilizações turco-islâmicas, assuntos pelos quais seu interesse vai além da curiosidade pessoal.*
